

FRATERNIDADE DE MIL HOMENS

Eric Beuttenmuller¹

RESENHA: MÃE, Valter Hugo. *O filho de mil homens*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Lançada no ano passado, chega em 2012, no Brasil, a última obra do escritor angolano Valter Hugo Mãe, *O filho de mil homens*. É o quinto romance do autor, que, além de prosa, já tem quinze livros de poesia publicados.

A história se passa em uma vila, no interior de Portugal, e trata do cotidiano de Crisóstomo e de outros moradores do local. Bem ao estilo dos escritores pós-modernos, a vila não tem nome, assim como algumas personagens também não. Da mesma forma, o tempo não está indicado; nem a época, nem a duração da narrativa são claras. O que importa é o que o signo “vila” desperta no imaginário dos leitores, quais significados ele vai suscitar neles. Por isso, logo nos vem à mente um local pequeno, habitado por pessoas com mentalidade bem conservadora, apegadas aos valores mais tradicionais. Com esses significados acessados, Mãe nos mostra os conflitos gerados nessa sociedade, principalmente para quem é diferente, quem não se enquadra nas expectativas dos familiares e demais habitantes. Não é o caso de Crisóstomo, um pescador bem encaixado nos esquemas sociais da vila, mas é o de outras personagens que passam pela sua vida, algumas delas tornam-se até a sua nova “família”.

No início da narrativa, Crisóstomo está sozinho, aos quarenta anos, sem família, sem companhia para os seus dias na vila. Mas certo dia, quando sai para pescar com seus colegas, encontra o jovem Camilo, um órfão que vivia com seu avô, o qual falecera há pouco. Logo chama o pescador para morar consigo e o adota como pai. Camilo, então, torna-se o seu filho, de uma forma simples, que só poderia ocorrer em uma vila, principalmente a do nosso imaginário. Da mesma forma simples, Crisóstomo, que era uma pessoa muito sensível, conhece aquela que seria a sua esposa, Isaura.

À primeira vista, pode parecer que as personagens são frágeis na sua construção, algo como meros tipos sociais, ou personagens caricaturais, que serviriam apenas para girar as engrenagens da narrativa. Pode parecer que elas são excessivamente superficiais. James Wood (WOOD, 2011) adverte sobre os riscos que correm os romancistas, principalmente

¹ Doutorando em Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo - USP

os novatos, que fazem descrições as quais parecem fotografias e que têm dificuldades em criar personagens. Ao comentar a respeito de um livro de Ford Madox, sobre Joseph Conrad, Wood aborda a questão de “engatar” uma personagem, isto é, torná-la verossímil dentro do universo da obra para que ela possa entrar em ação. Para Wood: “Ford tem razão. Bastam pouquíssimas pinceladas para, digamos, dar vida a um retrato.” (WOOD, 2011, p. 96). Não é necessária uma vasta descrição da personagem para que ela “engate”, aliás, não é o tamanho da caracterização que torna a personagem bem construída, “[...] o leitor pode captar personagens miúdos, efêmeros e mesmo planos tão bem quanto heróis e heroínas grandiosos, redondos e elevados” (WOOD, 2011, p. 96).

Valter Hugo Mãe sabe muito bem “engatar” as suas personagens, mesmo as que não aparecem muito. Com poucas “pinceladas”, ele consegue caracterizá-las, dar vida a elas. Veja-se a descrição do noivo de Isaura: “O rapaz, na altura já mais espevitado, quase adulto, punha-se de volta dela, a rondá-la como numa brincadeira, a dizer-lhe que era gado seu e que haveriam de ser felizes. Isaura ficava feliz.” (MÃE, 2012, p. 38). Em poucas linhas percebemos que o rapaz tinha a visão da sociedade patriarcal e tradicional, cuja moral rege os habitantes da vila, em que o marido é praticamente dono da esposa e superior a ela. Vemos também a ingenuidade de Isaura, que fica feliz com o suposto elogio que recebe. Assim, o rapaz, como personagem, está pronto para participar do enredo. Mãe mostra essa mesma habilidade com outras personagens secundárias, como Rosinha, o velho Rodrigues, Gemúndio e o homem do cerco, por exemplo.

Além disso, Mãe explora com muita sensibilidade os dramas das suas personagens principais, mergulha em seu interior e, mesmo com uma linguagem simples, como a dos moradores de uma vila, consegue mostrar com profundidade as suas dores existenciais. Como as de Isaura, que, antes de conhecer Crisóstomo, tinha uma vida muito dura, como a de todas as personagens “diferentes” da história. Ela estava prometida para um vizinho de sua família, para casarem-se de acordo com as tradições do local. Uma delas, a virgindade da noiva, é quebrada pelo próprio noivo, antes do casamento, num momento de desejo incontrolável. O problema é que, logo após o fato, o rapaz desiste do compromisso, deixando Isaura numa situação bastante delicada: perante a sua comunidade, tendo que lidar com o julgamento moral dos outros moradores, que condenam uma moça a qual perdeu a sua “honra” sem se casar, e perante a sua própria família, que passa a odiá-la pela sua culpa, por colocá-los (pai e mãe) em uma situação vexatória. O pai, mais de uma vez, teve de se humilhar e pedir à família do rapaz que este reconsiderasse a sua decisão, sempre

sem sucesso. Esse estado de coisas gera uma forte tensão familiar, e uma ruptura, uma vez que nunca mais Isaura se relacionou bem com seus pais, principalmente sua mãe.

Valter Hugo Mãe criou um narrador que, apesar da linguagem simples, utilizando-se de termos e falares dos habitantes da vila, consegue explorar bem a interioridade das personagens. Há uma combinação de linguagem e ambiente, bem contextualizados como próprio das províncias, com uma mensagem universal, o que é muito bem feito pelo escritor angolano. Observe-se o momento de sofrimento de Isaura, após a sua rejeição pelo noivo:

A Isaura fechava a boca. Sentia-se feia, via-se feia. Lavava-se e sentia-se suja, via-se suja. Adoçava-se e já não tinha como se prender. Estava sempre magoada e suja. A Isaura falava e ouvia-se mal, sentia-se burra. A Isaura fechava a boca, sujava-se nos bichos, na terra, trabalhava a sujar-se. Cortou o cabelo e ficou feia, mesmo que já não se visse, mesmo que nunca mais quisesse olhar para o espelho. Não comia, não queria mais ser gorda, ser rude, ser do campo. Não queria mais ser ninguém. Queria diminuir até ser nada. [...]

Enjeitada e diminuta, a Isaura envergonhava-se de ter um dia oferecido tudo ao amor, mesmo sabendo que o amor era longe de bom, mesmo sabendo que era sexo e espera, a Isaura sentia que esperara demasiado e por ilusão, por estupidez. Estava para sempre sozinha, e para sempre era quase uma impossibilidade, por isso pensava que sua vida se encurtaria para lhe tirar todo e qualquer direito de ser de outro modo, de ser outra. (MÃE, 2012, p. 49-50).

Há trechos como esse por toda a obra, mostrando a sensibilidade de Mãe, e sua habilidade em explorar as dores existenciais de suas personagens. A busca pelo amor e felicidade de Isaura é tocante e poética. Sua dificuldade em encontrar o seu espaço em meio a uma sociedade que não tolera quem é diferente, ou quem quebra alguma de suas leis morais, é algo universal, que extrapola os limites da vila.

Aliás, há na narrativa outras personagens marginalizadas por serem diferentes de alguma forma: a anã, mãe de Camilo; Antonino, um jovem homossexual que se casa com Isaura numa união de interesse mútuo, mas sem amor. Além dessas, outras personagens infelizes, por serem familiares desses marginalizados, como Matilde, mãe de Antonino, e Maria, mãe de Isaura. Todas essas personagens são vítimas do que é considerado correto, dentro da sociedade conservadora da vila. As relações tradicionais não trazem a felicidade tanto desejada a essas personagens. A obediência de Isaura ao noivo a fez ser vista como indecente, assim como o seu fracassado casamento arranjado com Antonino não trouxe

nenhum tipo de satisfação. A união por conveniência entre Rosinha e o velho Gemúndio também não deu certo.

Aliás, a felicidade é um tema constante do romance, e aparecem várias definições, segundo a visão de cada personagem: “Ser o que se pode é a felicidade” (MÃE, 2012, p. 77), achava Isaura, resignada com sua má sorte; “O Antonino percebeu que seria feliz quem se tornasse no que não podia” (MÃE, 2012, p. 99), pensava Antonino, que queria assumir sua homossexualidade, mas era impedido pela coerção da sua comunidade; “Olhe, dizia a Rosinha, quem sabe se a imprudência é a felicidade” (MÃE, 2012, p. 125), ponderava Rosinha, que tinha a ilusão de que o velho Rodrigues a assumisse como esposa, mesmo sabendo que isso nunca ocorreria. A felicidade parece algo impossível para essas personagens, limitadas exteriormente ao que podiam ou não fazer, sendo algo inatingível vivendo dentro dos limites impostos pela sociedade, que, preconceituosamente, rotulava-as e condenava-as por serem o que elas eram. Por não se encaixarem nos padrões morais vigentes.

Mas ao longo da narrativa, essas personagens vão mudando, e suas relações vão se “ressignificando”. Por exemplo, Isaura e Antonino aprendem a aceitar a si mesmos como são e percebem que não há problema nenhum com eles, mas, sim, com a suposta moralidade vigente. Não vivem como marido e mulher, porém fazem companhia e cuidam um do outro, num relacionamento fraterno. Suas relações melhoram e se tornam mais significativas, mais plenas, mais felizes: “A Isaura, que ainda não sabia quase nada sobre o amor, achou que era já feliz [...]” (MÃE, 2011, p. 196). Ao final, muitas das personagens que eram infelizes e solitárias, juntam-se e formam uma família. Não faz mal que não é uma família nos moldes tradicionais, uma vez que a ideologia conservadora da vila não trouxe felicidade para ninguém. Esta veio para cada uma das personagens quando elas reconstruíram suas vidas a partir do amor, da aceitação e, sobretudo, da fraternidade.

Felicidade, fraternidade e amor: não é isso o que todos buscam? Daí a universalidade do romance de Mãe, retirada a partir de um contexto bem provinciano. Assim é a visão de mundo desta obra, um desejo de esperança, sem ser piegas ou cair em clichês nem discursos viciados e vazios. Mãe consegue criar um universo bastante verossímil e coerente, de uma forma bastante poética, em que mostra como os atos de um indivíduo afetam a todos, indicando como vivemos uma só fraternidade humana. Certamente, é um romance bem escrito, que vale a pena ser lido e estudado.

BIBLIOGRAFIA

MÃE, Valter Hugo. *O filho de mil homens*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2011.